

● ENTREVISTA

“FICO COM A IDEIA QUE PASSOU TUDO MUITO DEPRESSA”

RÚBEN SANTOS
rsantos@dnoticias.pt

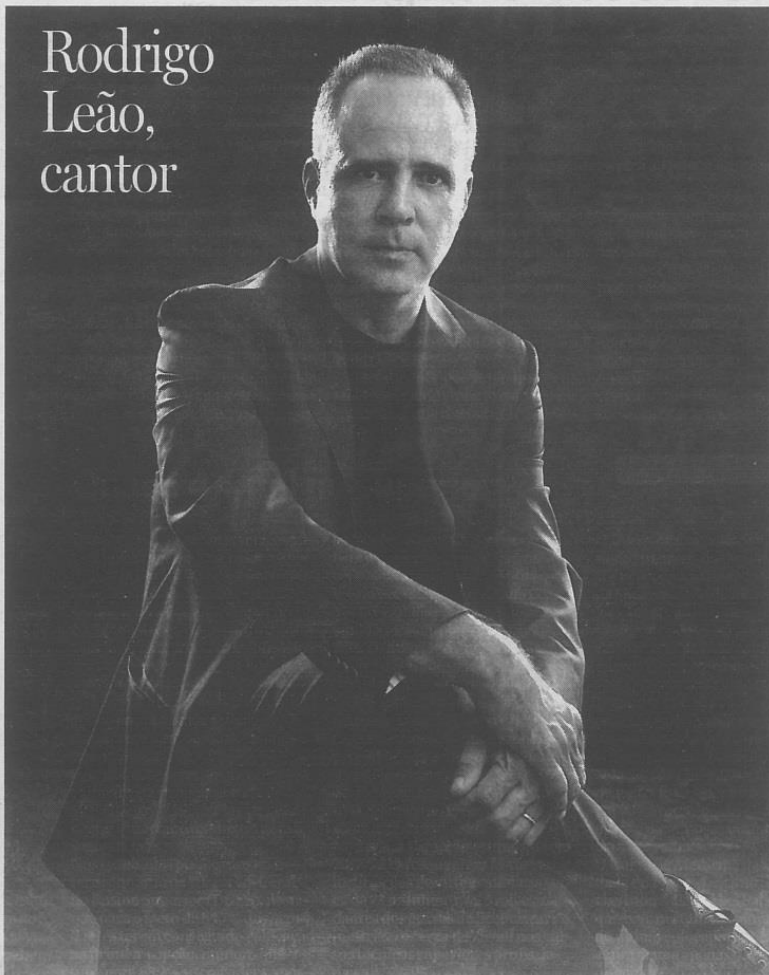
Rodrigo Leão vem ao Teatro Municipal Baltazar Dias nos dias 14 e 15 Setembro, pelas 21 horas, a fim de celebrar junto do público madeirense os seus 25 anos de carreira. Pisando um palco histórico da Região, o artista assume que a Madeira “é especial”, recorda a relação com o madeirense Ricardo Camacho, nos Sétima Legião, fala sobre o panorama actual da música portuguesa, e assume que não pensa em parar.

O cantor português anuncia igualmente a voz que trará consigo para levar a cabo o projecto ‘Os Portugueses’: Ana Vieira será a eleita. Os ingressos para o espectáculo poderão ser adquiridos no Teatro Municipal Baltazar Dias pelo preço de 20 euros.

É sempre bom regressar à Madeira? Claro que é! Penso que a última vez que estive aí foi há 10 anos. É evidente que a Madeira é especial para mim, principalmente porque é a terra de um grande amigo meu, o Ricardo Camacho, que faleceu recentemente, um grande companheiro dos Sétima Legião, e tenho sempre boas recordações das nossas idas à Madeira, quer as primeiras, com os Sétima Legião, quer com os Madredeus, quer com o meu grupo. Gosto muito da Madeira, seja para tocar, seja para ir de férias. Claro que estou muito contente por voltar aí e apresentar este projecto ‘Os Portugueses’.

Para os artistas que residem em Portugal continental actuar nas ilhas é sempre uma motivação pessoal. Gostaria de actuar mais vezes na Região? Sim, claro. Para nós músicos o nosso objectivo é tocar e penso que seja aqui no continente ou nas ilhas estamos a jogar em casa. Penso que é gratificante podermos continuar a fazer concertos e a tocar a música que eu faço desde há 25 anos e que felizmente tem chegado a algumas pessoas, inclusivamente madeirenses.

Rodrigo
Leão,
cantor



A CELEBRAR 25 ANOS DE CARREIRA, RODRIGO LEÃO VEM ACTUAR À MADEIRA E TRAZ ANA VIEIRA

O Teatro Municipal Baltazar Dias escolheu a sua escolha. Porquê? Sim. Eu tenho a ideia de ter tocado nesse teatro há muitos anos, não me lembro bem, mas neste espectáculo que levamos aí, ‘Os Portugueses’, acho que faz todo o sentido que seja tocado em espaços relativamente pequenos, ou seja, em teatros, e segundo me parece o Baltazar Dias é um teatro muito bonito e penso que tem todas as condições para nós fazermos este espectáculo, porque adaptamos muitas vezes os concertos aos espaços e este projecto em concreto eu prefiro fazê-lo em teatros do que em espaços ao ar livre.

Mas porquê? Tem a ver com o som, com o facto de haver momentos mais intimistas e penso que há uma maior capacidade do espectador se concentrar na audição daquilo que estamos a tocar e por vezes isso não é tão possível em concertos abertos, em que inclusive o som acaba por ser sempre diferente.

Essa também é uma das suas características, isto é, ter uma constante preocupação com aquilo que o público irá ouvir? Sim. Eu diria que quase tudo o que eu faço é muito intuitivo, ou seja, guardo as ideias que acho que valem a pena trabalhar posteriormente e isso depois também se reflecte nos concertos e nos trabalhos que saem. Não sou de pensar muito para que público é que vou tocar ou que música é que irei escolher. É evidente que se eu fosse tocar num festival de Verão sei que tenho canções que fazem sentido apresentar aí e que não são com certeza as mesmas que tocamos em sítios mais pequenos.

como em teatros, mas normalmente eu não estudo as coisas. Tudo vai acontecendo e aparecendo e nós vamos conseguindo concretizar.

Sente que tem uma legião de fãs onde quer que vá? Espero que sim, espero que haja muita gente que goste da música que eu faço. Tenho uma ideia de que comecei há 25 anos a fazer este meu trabalho e que demorou muitos, muitos anos a chegar a mais pessoas. Começou por ser uma música mais alternativa, não tão comercial, ou seja, o meu percurso foi evoluindo e a minha música foi chegando a mais pessoas. Hoje em dia em muitos dos concertos, no fim falo com as pessoas e acho que é importante esse contacto directo com o público.

Falei em legião e foi precisamente nos Sétima Legião que conheceu o madeirense Ricardo Camacho. Tinham uma boa relação? Tínhamos uma relação extraordinária. Foi talvez das pessoas com quem mais aprendi, porque o Ricardo era um pouco mais velho do que nós. Portanto, quando comecei a tocar em 1982, quando gravámos o primeiro single dos Sétima Legião, produzido precisamente pelo Ricardo Camacho, durante esses primeiros anos eu e todos nós aprendemos com ele, porque ele tinha sempre uma vontade muito grande de fazer experiências com guitarras ao contrário, efeitos, delays... e ao fim do segundo disco ele deixou de ser o produtor do grupo e passou a compor conosco e criámos ali uma amizade de muito grande. O Ricardo tinha ideias fantásticas, era uma pessoa simples e sabia o que queria.

Daí que também tenha uma grande ligação à Madeira... Exactamente. A primeira vez que fui à Madeira foi com os Sétima Legião e com o nosso amigo Ricardo a mostrar-nos a ilha e a receber-nos na sua casa.

Abordando um pouco 'Os Portugueses', em que é que este consiste este concerto? Este concerto vem no seguimento da reedição de um disco que saiu há 10 anos, que é a banda sonora de um documentário do professor António Barreto e da Joana Ponte, que se chama 'Portugal, o retrato social'. Nós na altura fizemos cerca de 15 concertos e

este ano, no âmbito dos 25 anos da edição do meu primeiro disco, resolvemos fazer uma série de iniciativas, das quais uma delas foi a reedição desse trabalho, mas com CD extra de músicas todas em português gravadas recentemente, há três ou quatro meses, cantadas pela Selma Uamusse, Ana Vieira e Camané. No fundo, cantores que estão muito perto de mim e que trabalharam comigo ao longo destes últimos anos, portanto, o espectáculo consiste precisamente em parte de alguns instrumentais dessa banda sonora e por canções portuguesas, onde inclusive constam temas dos Sétima Legião e Madredeus. Neste caso, no concerto que se realiza no Funchal, será a voz de Ana Vieira a acompanhar-me.

Portanto, a surpresa será a Ana Vieira? Sim, precisamente. Será um concerto que terá partes mais intimistas, com temas mais melancólicos e depois alternando com temas cantados pela Ana Vieira, em português.

E porquê a escolha dessa cantora? O Camané foi apenas convidado para participar no disco, enquanto a Selma e a Ana são as vozes que me acompanham neste projecto, mas também noutros concertos que temos vindo a realizar durante este ano. Em 'Os Portugueses' elas vão alternando, portanto, umas vezes é a Selma, outras a Ana. Este concerto no Funchal calhou à Ana. Trata-se de duas cantoras fantásticas e não tenho preferência por nenhuma delas.

25 anos de carreira é muito tempo? Claro... quando olho para trás a sensação que tenho é que tudo passou muito depressa e é tudo muito rápido. Tive a oportunidade de tocar junto de músicos fantásticos e com quem nunca imaginaria vir a trabalhar. Acima de tudo quero realçar a oportunidade que tive de ter contacto com esses artistas, e acabou por me influenciar. Penso que isso não seria possível se estivesse num grupo português e isso para mim, poder dentro do meu trabalho ter influências de correntes musicais que sempre gostei, é gratificante. Fico com a ideia que passou tudo muito rápido, mas

EE

QUESTIONO-ME
SOBRE COMO É QUE
CONSEGUI FAZER
TANTA COISA AO
LONGO DESTES ANOS

AINDA HÁ MUITA
GENTE A FAZER
MÚSICA COM ALMA
E ESPERO QUE ISSO
QUE NUNCA SE PERCA

também me questiono sobre como é que consegui fazer tanta coisa ao longo destes anos. É evidente que tive muitos amigos que me ajudaram, desde músicos a produtores, pois sem eles nada seria possível.

Ao longo destes 25 anos há algum momento que o marca de forma positiva e negativa? Bom... pela positiva há sempre momentos muito bons que eu gosto de recordar, como por exemplo o concerto dos Madredeus, que deu origem depois a um disco ao vivo, que se chama 'Lisboa', em que tivemos a participação do Carlos Paredes, que era um músico extraordinário, até à gravação do meu primeiro trabalho. Alguns concertos na Coreia do Sul, enfim, lembro-me sempre mais dos aspectos positivos, porque os aspectos negativos andam sempre à volta do mesmo: quando temos menos concertos ou menos trabalho, mas prefiro não os relembrar.

Ainda se faz música com a alma de antigamente? Penso que ainda há muita gente a fazer música com entusiasmo. Penso que o entusiasmo com que eu fazia música há 30 anos mantém-se, ou pelo menos, mantenho a ideia de procurar músicas novas e isso está sempre presente dentro de mim. Quando olho para muitos músicos que estão a começar a fazer música, ou que estão a compor, eu vejo muita energia à minha volta, apesar de se venderem muitos poucos discos neste momento e de não ser fácil de entrar no mundo profissional da música, mas acho que ainda há muita gente a fazer música com alma e espero que isso que nunca se perca.

E como estamos a falar de música, como olha para o panorama actual da música portuguesa? Está de boa saúde? Penso que Portugal está a atravessar um momento muito positivo e isso depois reflecte-se em tudo, no Turismo, na Música... Acho que finalmente as pessoas começaram a perceber que em Portugal não existe só fado e isso também é importante. Estou-me a lembrar de projectos como Dead Combo, Danças Ocultas ou The Gift, que não fazem fado, mas que têm a oportunidade de mostrar os seus trabalhos muito lá por fora.

Mas quando ingressou na música

certamente que não era tão fácil como actualmente, certo? Correcto. No início dos anos 80 éramos um meio muito pequeno e todos nos conhecíamos em Lisboa. Desde os Xutos e Pontapés, Rádio Macau, Heróis do Mar, Sétima Legião... era um meio pequeno, mas por outro lado houve aquele 'boom' da música portuguesa nos anos 80, que foi muito vivido pelos músicos e importante para a história cultural do nosso país. Antes havia mais notícias sobre a música portuguesa, através de publicações que já existiam há mais de 30 anos, e acabava por ser um pouco mais difícil, mas também não havia tanta concorrência. Acabávamos por ser todos amigos, organizávamos espectáculos e emprestavamos instrumentos uns aos outros.

Estando ligado a vários projectos importantes da música portuguesa, não se sente como uma fonte de inspiração para os jovens talentos? É difícil pensar se tive ou não influência em músicos que hoje tocam. Quero acreditar que posso ter tido alguma influência, mas não sei até que ponto essa influência existiu em grupos que surgiram depois dos projectos em que estive envolvido. Não gosto muito de pensar nisso, mas fico contente se isso realmente existiu.

Quando é que está a pensar parar? Não é uma coisa que me preocupe muito, eu espero é não parar e poder continuar a tocar e a desenvolver ideias, trabalhando com músicos diferentes.

Que projectos já tem preparados para o futuro? Neste momento temos ainda cerca de 20 concertos agendados até ao final do ano e estou a preparar um disco novo que tenciono gravar durante o mês de Março ou Abril do ano que vem. É um disco que ainda está a nascer, apesar de já ter muitas ideias. Agora estou num processo de selecção dessas mesmas ideias, mas será um disco mais ambiental.

Para terminarmos, que mensagem deixa aos seus fãs madeirenses? Bom... eu espero que acima de tudo gostem do concerto que vão ver e isso será sem dúvida o mais importante para mim e espero que possam assustar a este concerto. Que corra tudo bem.

